
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

POESIA E INFÂNCIA EM O ESTUDANTE EMPÍRICO, DE CECÍLIA MEIRELES¹

Anny Costa Chaves² (UNIMONTES)
e Ilca Vieira de Oliveira³ (UNIMONTES/FAPEMIG)

RESUMO: Este artigo busca interpretar o livro *O estudante empírico* (2017), de Cecília Meireles, com foco na significação da infância construída nos poemas “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos” e “O globo”. Para tanto, considera-se o método hermenêutico presente nos pressupostos críticos e teóricos de Antonio Candido (2006), Norma Goldstein (2002) e Terry Eagleton (2006). Além disso, considera-se o entendimento filosófico de Gaston Bachelard (2009) acerca da infância na poesia. Constata-se que os textos interpretados são escritos em dicção universalista, marcada pelas inovações da poesia moderna. Logo, Cecília Meireles não se filia às correntes experimentalistas da década de 1950; mantém sua individualidade de escrita, influenciada pela tradição e pela modernidade. Nos poemas, a infância é associada às ideias de fruição, autoconhecimento, liberdade, memória e imaginação, aspectos elaborados na estrutura dos versos e em consonância com o livro. Assim, o perfil do estudante empírico é composto pelo signo do conhecimento sobre si, pela apreciação da vida e pelo exercício de ser livre. A infância revela-se uma das ferramentas de aprendizagem do estudante.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; *O estudante empírico*; Cecília Meireles; Poesia moderna.

POESÍA Y NIÑEZ EN O ESTUDANTE EMPÍRICO, DE CECÍLIA MEIRELES

RESUMEN: Este artículo pretende interpretar el libro *O estudante empírico* (2017), de Cecília Meireles, con enfoque en la significación de la niñez construida en los poemas “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos” y “O globo”. Para ello, se considera el método hermenêutico presente en los supuestos críticos y teóricos de Antonio Candido (2006), Norma Goldstein (2015) y Terry Eagleton (2006). Además, es tomado en cuenta la comprensión filosófica de Gaston Bachelard (2009) acerca del tema de la niñez en la poesía. Se constata que los textos interpretados están escritos con una dicción universalista, marcada por las innovaciones de la poesía moderna. Por lo tanto, Cecília Meireles no se adhiere a las corrientes experimentalistas de la década de 1950; mantiene su individualidad de escritura, influida por la tradición y la modernidad. En los poemas, la niñez se asocia con las ideas de

1 Artigo escrito com apoio da FAPEMIG – APQ 00432-24.

2 annychaves.com@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0006-2078-1520>

3 ilcav@uai.com.br - <https://orcid.org/0000-0002-4361-0226>

disfrute, autoconocimiento, libertad, memoria e imaginación, aspectos desarrollados en la estructura de los versos y en consonancia con el libro. Así, el perfil del estudiante empírico se compone del signo de conocimiento de sí mismo, de la apreciación de la vida y del ejercicio de la libertad. La niñez se revela como una de las herramientas de aprendizaje del estudiante.

PALABRAS CLAVE: Niñez; *O estudante empírico*; Cecília Meireles; Poesía moderna.

POETRY AND CHILDHOOD IN *O ESTUDANTE EMPÍRICO*, BY CECÍLIA MEIRELES

ABSTRACT: This paper aims to interpret Cecília Meireles's book *O estudante empírico* (2017), focusing on the meaning of childhood constructed in the poems "Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos" and "O globo". To this end, the hermeneutic method is considered present in the critical and theoretical assumptions of Antonio Candido (2006), Norma Goldstein (2015), and Terry Eagleton (2006). Furthermore, Gaston Bachelard's (2009) philosophical understanding of the theme of childhood in poetry is taken into account. It is noted that the interpreted texts are written in a universalist diction, marked by the innovations of modern poetry. Therefore, Cecília Meireles does not adhere to the experimental currents of the 1950's; she maintains her individuality in writing, influenced by tradition and by modernity. In the poems, childhood is associated with the ideas of fruition, self-knowledge, freedom, memory, and imagination, aspects elaborated in the structure of the verses and in line with the book. Thus, the profile of the empirical student is composed of the sign of knowledge about oneself, appreciation of life, and the exercise of being free. Childhood proves to be one of the student's learning tools.

KEYWORDS: Childhood; *O estudante empírico*; Cecília Meireles; Modern poetry.

Recebido em 11 de dezembro de 2025. Aprovado em 1 de junho de 2026.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Buscamos realizar um estudo hermenêutico de *O estudante empírico* (2017), de Cecília Meireles, a partir da interpretação de dois poemas: "Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos" e "O globo". Nesses textos, é enfocada a significação da infância como chave de leitura para a unidade de sentido do livro. Para tanto, realizamos uma apresentação da reunião de poemas e, em seguida, uma revisão da literatura sobre a infância, em diálogo com a obra poética da autora. Além disso, sistematizamos os conceitos do método hermenêutico antes de desenvolver a interpretação do *corpus literário*.

Compreendemos que este estudo tem relevância ao lançar luz sobre um livro pouco estudado pela crítica de Cecília Meireles. Ademais, motivamo-nos pela intenção de dar visibilidade à abordagem do tema da infância em textos não destinados ao público infantil, campo já amplamente explorado na recepção da artista. Por fim, procuramos contribuir para os estudos dessa escrita, no que diz respeito à investigação de seus aspectos estéticos no contexto da poesia moderna.

“COM AS MINHAS LIÇÕES BEM APRENDIDAS, COM OS MEUS EXERCÍCIOS BEM-FEITOS”

Cecília Meireles publicou pela primeira vez em 1919, aos 18 anos. Trata-se do livro *Espectros*, conjunto de sonetos que trazem as composições de uma jovem artista no início de sua trajetória poética. O seu segundo livro de poesia vem à lume em 1923, com *Nunca mais... Poema dos poemas*, e, no ano seguinte, em 1925, *Baladas para el-Rey*. A publicação do livro *Viagem*, em 1939, é considerada o marco de sua maturidade de escrita. Conforme Antonio Carlos Secchin (2007: 263), o livro foi escolhido pela autora para iniciar a obra poética de 1958, o que pressupõe a exclusão de seus três primeiros livros na coletânea. *Viagem* (1939) rende a ela, no ano anterior, o prêmio da Academia Brasileira de Letras, consoante ao registro de Ana Maria Domingues de Oliveira (1988: 39). Dessa data até o seu falecimento, em 1964, a poeta escreve, fartamente, textos em prosa e verso, da ficção a não ficção.

Frequentemente, sobretudo em textos didáticos, Cecília Meireles é alocada na Geração de 1930 do modernismo brasileiro junto a Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Jorge de Lima, poetas que, segundo Gilberto Mendonça Teles (2022: 37-38), voltaram-se para “os problemas espirituais e sociais do homem brasileiro” a partir de uma “linguagem poética de ressonâncias universais”. Nessa conjuntura, Meireles é reconhecida como voz dissidente no alarido modernista das primeiras décadas do século XX. No entanto, o que pouco se estuda é a sua produção poética realizada após a década de 1950, momento de forte experimentalismo, de resgate do ideal vanguardista e de profundas mudanças na estrutura político-econômica do Brasil (Teles 2022: 41). *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953, e *Ou isto ou aquilo*, publicado em vida pela autora em 1964, são as exceções, além de serem amplamente conhecidos.

Outros livros de poesia desse período são: *Amor em Leonoreta*, de 1951; *Doze noturnos da Holanda & o aeronauta*, de 1952; *Pequeno oratório de Santa Clara, Pistoia: cemitério militar brasileiro* e *Espelho cego*, ambos de 1955; *Canções*, de 1956; *Romance de Santa Cecília*, de 1957; *Metal Rosicler*, de 1960; *Poemas escritos na Índia*, de 1961; e *Solombra*, de 1963. Além das publicações póstumas *Poemas italianos*, escrito na década de 1950 e publicado em 1968, e *O estudante empírico*, produzido entre as décadas de 1950 e 1960 e publicado em 1974. Em meio a essa vasta publicação, há uma variedade de temas, técnicas e possibilidades de interpretação. Nesse sentido, o que nos interessa investigar é o último livro, propondo uma análise hermenêutica centrada no tema da infância.

Além de aparecer na edição avulsa de 1974, *O estudante empírico* circula, também, nas edições de poesia completa de 2001, da editora Nova Fronteira, e de 2017, da Global Editora, bem como na reunião de livros lançada, em 2005, pela Nova Fronteira. São 27 poemas, que reúnem temas da ciência e da filosofia e que acompanham dados das circunstâncias de escrita, como data e local. A edição consultada para este trabalho está presente em *Poesia completa* (2017).

Basta uma leitura rápida do índice para que a constatação da intertextualidade venha à tona: “Anatomia”, “Hoje desaprendo o que tinha aprendido ontem”, “Com as minhas lições bem aprendidas”, “O quadro-negro” e “O estudante empírico”. O próprio nome do livro, aliás, reforça essa afirmação. Por conseguinte, presumimos que a publicação póstuma disponha de certa unidade de sentido, cuja chave de leitura já se apresenta nos títulos: a relação do ser com o conhecimento empírico.

Importa considerar a designação do volume. A palavra “empírico” refere-se ao empirismo, corrente de pensamento que “concebe a realidade como singular e revelada graças à experiência sensível”, segundo a conceituação de Antonio Carlos Gil (2008: 20). O sintagma nominal remete-nos a um perfil a ser traçado pelos poemas. Dessa forma, as perquirições de um estudante que aprende com o mundo dos sentidos são as que se desenvolvem ao longo das páginas. O eu lírico esquadrinha os dados do mundo e os articula à condição do ser. São dimensões, distâncias, cores, formas e funções que se desdobram em inquirições sobre a alma, o pensamento, a identidade, a linguagem, o tempo do ser. É, enfim, a aprendizagem pela experiência do sensível. Além disso, os elementos do ofício aparecem marcados pela busca de compreensão: o processo de escrita, a tradução, o desenho. Convém recordar que, além de escrever poesia, Cecília Meireles traduziu e desenhou. Para esses fazeres, buscam-se respostas e definições, como a de sugerir a postura de um artista-estudante sempre em confronto com a própria prática.

Esse é, aliás, um aspecto determinante na composição do perfil: a inquietação. Entre as descobertas do estudante, a mais importante é a de que a aprendizagem é um caminho descontínuo. Aprende-se para desaprender, para, depois, reaprender. O esquecimento e a mudança compõem a prática daquele que estuda atento às confluências e às transformações do ser e do mundo. Humildemente, o estudante empírico reconhece o seu estado permanente entre o conhecimento e a ignorância, o que revela, nesse contexto, o aspecto inconclusivo da existência.

Nesse sentido, reside a beleza filosófica dos poemas, acentuada pelo poder do ritmo. No poema “Hoje desaprendo o que tinha aprendido ontem”, notamos a construção desse efeito:

Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem
e que amanhã recomencerei a aprender.
Todos os dias desfaleço e desfaço-me em cinza efêmera:
todos os dias reconstruo minhas edificações, em sonho eternas.

Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência
dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo.
(Meireles 2017: 450)

O estudante empírico exprime-se em versos que sugerem seu modo de ser entre a leveza da abdicação e o peso de assumir essa renúncia. A força do ritmo, aliada à composição das imagens e dos recursos sonoros, ajuda a despertar a fruição. É o que ocorre em “Com as minhas lições bem aprendidas”. Em consonância com o senti-

do do poema mencionado anteriormente, esse é escrito em estrofes de seis versos, cujas rimas interpoladas são, surpreendentemente, intercaladas com um estribilho:

Com o peso da minha humildade,
montanha enorme nos meus ombros,
estudante empírico,
autodidata aplicado,
vou com meus olhos de vastos assombros
pelas ruas novas da nova cidade.

Meu nome não sabes, nem é necessário,
e de família e nascimento,
estudante empírico,
autodidata aplicado,
ficaram os dados perdidos no vento,
aéreas letras de registro vário.
(Meireles 2017: 452)

Cabe destacar a relevância de Cecília Meireles no campo da educação. Leciona nos ensinos primário e superior e atua como conferencista em universidades estrangeiras, consoante à compilação biográfica de Ana Maria Lisboa de Mello (2006: 18). Destaca-se, ainda, sua colaboração para o debate público do tema a partir de uma atividade intelectual e crítica feita nas páginas dos jornais. Estudante autodidata de línguas e demais expressões culturais, ela presta sua contribuição à cultura de países ao tematizar sua memória histórica e suas paisagens em crônicas e livros de poemas, como *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Pistoia: cemitério militar brasileiro* (1955) e *Poemas italianos* (1968).

Nessa esteira, a artista contribui, também, com as suas traduções de autores clássicos. Raine Maria Rilke, Virgínia Woolf, Federico García Lorca, Rabindranath Tagore e Charles Dickens são alguns deles. A inauguração da primeira biblioteca infantil do Brasil, em 1934, integra o rol dos grandes feitos de Meireles. Assim, por trás do eu lírico de *O estudante empírico* (2017), há uma artista que se dedicou intensamente à defesa da educação, à divulgação do conhecimento e à própria formação.

No livro de poemas, há linhas de força que compõem seu possível núcleo de sentido. Desse modo, partimos da hermenêutica para interpretar o tema da infância.

“UM TEMPO ANTERIOR”

Nem sempre, na história do conhecimento, a infância teve relevância para os campos das ciências, das representações e, até mesmo, para a opinião pública. Trata-se de séculos e séculos de indiferença atribuída ao mundo das crianças, em um contexto de ausência da noção de identidade individual na sociedade, conforme pontua Philli-

pe Ariès (1986: 29). O historiador francês resgata, na etimologia do termo que se consolida durante a Idade Moderna, o vocábulo *enfant*, isto é, aquele que não fala (Ariès 1986: 36). Foram necessárias mudanças na estrutura social e nas mentalidades para que o tema ganhasse espaço nos livros e no debate público no Ocidente.

Artistas passaram a voltar-se a essa fase da vida no século XIII (Ariès 1986: 52). Antes disso, as pessoas “[n]ão se detinham diante da imagem da infância, [...] esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas do de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança era logo perdida» (Ariès 1986: 52).

Nessa circunstância, a representação da infância desenvolve-se “a partir do fim do século XVI e durante o século XVII” (Ariès 1986: 65). Essa mudança vem acompanhada, e sem dúvida é influenciada, pelas revoluções demográfica e industrial, que reduziram as taxas de mortalidade, popularizaram o controle de natalidade e implementaram práticas tecnicistas e de registro civil (Ariès 1986: 29). Desde então, o tema tem sido explorado nas artes.

Em uma perspectiva ontológica, Gaston Bachelard (2009: 110) defende que os poetas, ao tratarem da infância, dão voz a arquétipos frequentemente associados à lembrança e à imaginação. Esses arquétipos são considerados pelo filósofo “princípios verdadeiros para uma análise do mundo” (Bachelard 2009: 119). Bachelard (2009: 110) considera a recepção ao defender a ideia de que, com a escrita da infância, os poetas fazem o leitor reviver a sua própria vida primeira. Portanto, a infância é um núcleo que permanece em nós e que reencontramos na experiência de leitura. Por meio do seu discurso, a poesia leva-nos a recordar e a imaginar a infância longínqua.

Constantemente visitado pelos poetas modernos, o tema da infância também compõe os interesses de Cecília Meireles. Autora do clássico da literatura infantil *Ou isto ou aquilo* (1964), a escritora dispõe de outros textos voltados às crianças, como *Criança meu amor* (1924), *A festa das letras* (1937), *Olhinhos de gato* (1938), *Giroflê, Giroflá* (1956) e *O menino atrasado* (1966). Em outra medida, ao longo de sua obra poética, Meireles versejou sobre a infância mesmo sem se dirigir a esse público. Um dado ilustrativo disso é a presença do tema em *Viagem*, já em 1939, nos poemas: “Criança”, descrição em tercetos e em tom elegíaco de um menino em sofrimento; “Orfandade”, lembranças de uma menina sobre a perda da mãe; e “A menina enferma”, o processo de convalescença de uma menina até sua morte. A infância está, igualmente, presente em: *Vaga Música* (1942) – “Canção da menina antiga”, “Serenata ao menino do hospital” –; em *Retrato Natural* (1949) – “Infância”, “Retrato de uma criança com uma flor na mão”, “Ar livre” –; e em *Poemas escritos na Índia* (1961) – “Canção do menino que dorme”, “Menino”.

Assim como seus contemporâneos Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Manoel de Barros, Mário Quintana, Henriqueta Lisboa, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, a poeta carioca fala de meninos e meninas, de experiências diversas em infâncias perdidas no tempo, mas resgatadas e transpostas pela palavra poética. Em

conformidade com o que Marcia Cristina Silva explora (2017: 115), nessa poética, o “reencontro com o passado” é, muitas vezes, uma experiência de “desencontro com a própria identidade”, é ocasião para a dúvida, para os sentidos de ausência e de “aniquilamento” (Silva 2017: p. 123), para a transcendência da realidade (Silva 2017: p. 131). Na moderna poesia brasileira, Cecília Meireles destaca-se na atenção dada à temática. Notamos que, em resumo, a infância atravessou sua escrita mesmo em livros não voltados para o público infantil.

ESTUDO DE POESIA: UMA ABORDAGEM HERMENÊUTICA

O estudioso do texto literário deve buscar realizar sua prática “da maneira mais íntegra possível”, conforme propõe Antonio Candido (2006: 27). Segundo o crítico, tal postura implica considerar simultaneamente os domínios da comunicação e da expressão. Isso, porque o que o escritor comunica, ele o faz por meio da expressividade, aspecto que caracteriza esse tipo de composição como discurso artístico (Candido 2006: 27).

O estudo de poesia prescinde de etapas que, ao final do exercício, reforcem a unidade do poema. Nesse contexto, “o trabalho final e decisivo da interpretação” sucede as fases de análise e de comentário (Candido 2006: 28). Comentar pressupõe reunir “dados exteriores à emoção poética sobretudo dados históricos e filológicos” (Candido 2006: 29). Analisar, por sua vez, “comporta” elementos do “comentário puro e simples”, mas aproxima-se da interpretação ao promover “o levantamento analítico de elementos internos do poema, sobretudo os ligados à sua construção fônica e semântica, e tem como resultado uma decomposição do poema em elementos, chegando ao pormenor das últimas minúcias” (Candido 2006: 29). Ela está, portanto, “a meio o caminho” (Candido 2006: 29). Por fim, a interpretação distingue-se “por ser eminentemente integradora, visando mais à estrutura, no seu conjunto, e aos significados que julgamos poder ligar a esta estrutura” (Candido 2006: 29).

De maneira análoga, Norma Goldstein (2002: 05) comenta o caráter unitário do texto poético a ser retomado “no momento da interpretação”. Para a estudiosa, “ao analisar um poema, é possível isolar alguns de seus aspectos, num procedimento didático, artificial e provisório. Nunca se pode perder de vista a unidade do texto a ser recuperada no momento da interpretação, quando o poema terá sua unidade orgânica restabelecida” (Goldstein 2002: 05). Assim, para melhor compreender a expressão do texto poético, devemos realizar uma investigação da parte e, em seguida, do todo, sem desconsiderar que um não existe sem o outro, sendo essa a condição de existência do gênero literário. Nessa perspectiva, o estudo do texto que entende “o todo pela parte e a parte pelo todo, a síntese pela análise e a análise pela síntese” completa o chamado “círculo hermenêutico” (Candido 2006: 29).

Limitada “à interpretação das escrituras sagradas” em sua origem, a palavra “hermenêutica” passa a designar “a ciência ou a arte da interpretação”, de acordo com Terry Eagleton (2006: 100-101). Seu surgimento decorre da crítica à consciência trans-

cidental, isto é, à fenomenologia. O método hermenêutico considera o significado como pertencente ao domínio histórico-social, e não como proveniente de uma leitura “imane” do texto (Eagleton 2006: 90). Logo, ele não é uma leitura que se limita aos aspectos exteriores ao autor (Eagleton 2006: 101). Desse modo, “[a] análise hermenêutica procura encaixar cada elemento de um texto num todo completo, num processo comumente conhecido como “círculo hermenêutico”: as características individuais são inteligíveis em termos da totalidade do contexto, e a totalidade do contexto torna-se inteligível por meio das características individuais” (Eagleton 2006: 112-113).

Importa, para este estudo, levar em conta os pressupostos metodológicos da crítica hermenêutica, uma vez que se propõe uma interpretação do livro *O estudante empírico* (2017), por meio de dois de seus poemas, bem como a investigação desses próprios poemas, enfocados a partir de um tema: a infância.

UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO

Seja o poema “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos”:

Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos.
As de formigas ruivas nas raízes expostas,
de resinas e cascas de cigarras, nos rugosos troncos,
de ventos, frutos, estrelas claras nas móveis frondes.

Passearemos sob as altíssimas árvores da infância,
pisando com silenciosos pés o chão, – no entanto, de folhas secas,
fruindo com sabedoria o passeio, sem origem nem finalidade,
vivendo o instante de alegria das almas felizes reencontradas.

Sob as altíssimas árvores da infância passearemos.
O nosso conhecimento está fora de quaisquer acasos:
Jamais saberíeis pronunciar o nome que atualmente uso.
O rosto que levamos nada tem com os acontecimentos.

Ah! Somente as árvores da infância, altíssimas, nos reúnem agora:
houve um tempo anterior, de luz, de cristal, de pureza, de afeto?
Quem quer que sejamos, só nos entendemos por essas auréolas
que pairam sobre nós, translúcidas, fluidas, hesitantes à brisa.

Lindoia, 21 de janeiro, de 1964
(Meireles 2017: 466-467)

Trata-se de um poema assimétrico, característica presente na maior parte do livro. Seu ritmo não segue as regras clássicas, embora haja alguma regularidade, e, por isso mesmo, à primeira vista, a impressão seja a de simetria. É que os versos livres são organizados em quartetos. Notamos que, além disso, a última sílaba poética é sempre acentuada. Essa escolha por um estilo que concilia aspectos da poesia moderna e da tradição parece condizer com a mesclagem de tempos que o poema enuncia em sua unidade.

Quanto ao vocabulário, o emprego das palavras expressa o nível culto da língua. São exemplos disso: “fronde”, “no entanto”, “fruindo”, “saberíeis”, “sejamos”, “auréolas” e “pairam”. Contudo, há expressiva presença de termos comuns, que pertencem ao campo semântico da natureza, como “árvores”, “formigas”, “folhas”, “luz” “cristal”. É a poesia do sensível já comentada por Darcy Damasceno (1958: 11) e a que, insistentemente, voltou-se a crítica de Cecília Meireles. A construção do sentido indica, no entanto, uma transcendência a tal nível da realidade, o que se evidencia, também, pela seleção dos vocábulos: “fruindo com sabedoria”, “almas felizes reencontradas”, “pureza”, “afeto”, “auréolas”. Nesse ponto, está presente uma das características dessa poética: a ideia de que “o poeta ultrapassa os ‘limites humanos’” como “porta-voz do mundo transcendente” (Mello 2006: 126-129). Essa é uma das faces da infância que Silva (2017: 131) distingue nessa poética.

A seleção de palavras obedece, ainda, ao princípio do parentesco sonoro. Há rimas toantes internas em alguns versos: TRON (cos) e FRON (des), na primeira estrofe; sa-be-do-RI-a e a-le-GRI-a, na segunda; co-nhe-ci-MEN-to e a-con-te-ci-MEN (to), na terceira; LUZ e trans-LÚ-ci-da, na última estrofe. Ademais, destaca-se a aliteração dos fonemas fricativos “s” e “f”, nasais m” e “n” e lateral “l”. Tais estratégias estéticas contribuem para a construção da atmosfera poética.

Os versos são regularmente longos e encadeados. Há marcação de ritmo a partir da organização sintática. Isso é gerado pela enumeração de sintagmas adnominais nas estrofes primeira, segunda e quarta; de sintagmas adverbiais na segunda; e de períodos coordenados na terceira. A inversão sintática da frase “sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos” contribui, igualmente, para a construção do ritmo, esse jogo de sons e imagens que compõem o significado do poema.

O fragmento “árvores da infância, altíssimas”, que antes integrava o advérbio, passa, então, a exercer a função de sujeito no lugar do nós oculto do verbo “passearemos”. Essa estratégia confere à imagem da infância um potencial que o verbo “reunir” endossa. É o poder atribuído à infância de agir sobre o sujeito. A árvore, símbolo dessa “infância permanente” (Bachelard 2009: 95), une a voz poética e o leitor nessa busca ou passeio pelo entendimento: “quem quer que sejamos, só nos entendemos por essas auréolas”. Isso é sugerido pela associação imagética entre “móveis frondes”, da primeira estrofe, e “auréolas [...] fluidas”, da última. Essa imagem, a propósito, tem grande força na composição. Ela funciona como um princípio de memória e como uma espécie de “abertura para o mundo” da infância, para usar a expressão de Bachelard (2009: 119) sobre os arquétipos. No interessante capítulo “A árvore aérea”, do livro *O ar e os sonhos*, Gaston Bachelard considera, de início, que

“o devaneio vegetal é o mais lento, o mais repousado, o mais repousante dos devaneios” (Bachelard 1990: 207); a isso associa a imagem vertical da árvore, apontando que “todo grande sonhador dinamizado recebe o benefício dessa *imagem vertical*, dessa *imagem verticalizante*. A árvore ereta é uma força evidente que conduz uma vida terrestre ao céu azul” (Bachelard 1990: 207, grifo do autor). No poema, em um crescendo, a voz poética apresenta-nos imagens do mundo vegetal que se abrem a uma experiência que transcende a realidade. O passeio, sob as árvores, conduz à fruição, ao absoluto, à reflexão sobre o ser, enfim, ao autoconhecimento.

Passemos a desenvolver a já mencionada mescla de tempos. Até o primeiro verso da terceira estrofe, a voz poética flexiona-se no futuro para enunciar a ação verbal que gira em torno da imagem nuclear “árvores da infância, altíssimas”. Há o prenúncio de uma vivência (“passaremos”) em tal conexão com a natureza que o etéreo se manifesta: “o passeio, sem origem nem finalidade”, “o instante de alegria das almas felizes reencontradas”. Nessa ação enunciada no porvir, a ideia de continuidade expressa-se, por meio dos gerúndios, nas subordinadas: “pisando”, “fruindo”, “vivendo”. A partir do segundo verso da terceira estrofe, o poema muda de rumo. Aforismos são ditos no presente, levando o sentido construído, até então, para um lugar de generalização: “O nosso conhecimento está fora de quaisquer acasos: / Jamais saberíeis pronunciar o nome que atualmente uso. / O rosto que levamos nada tem com os acontecimentos”.

Nessa circunstância de passeio, de fruição, de sabedoria e de alegria, o ser despersonaliza-se, como notamos na ideia do nome que não se sabe pronunciar e do rosto que se desvincula dos eventos. O conhecimento do ser, no entanto, não é dado à contingência, seu acontecimento já está previsto. Dentro da descontinuidade, a continuidade. Por esse meio, verificamos o já consolidado sentido de equilíbrio entre o eterno e o efêmero na poesia de Cecília Meireles, como desenvolve Margarida Maia Gouveia (2002: 17).

A quarta estrofe leva essa passagem do tempo ao ápice. É como se o futuro da ação enunciada chegasse, enfim, à sua realização no presente: “Ah! somente as árvores da infância, altíssimas, nos reúnem agora:”. Na sequência, uma dúvida é posta e, em seguida, respondida indiretamente. A voz poética questiona a existência de um passado bem definido: “houve um tempo anterior, de luz, de cristal, de pureza, de afeto?” Será essa a definição da infância que aparece anteriormente no poema? Como alguém que chega ao presente e se pergunta sobre o que já passou, já que essa infância cantada é a das “estrelas claras”, das “almas felizes reencontradas”? Ou será uma espécie de pré-requisito para que algo aconteça? Esse algo surge no fim da estrofe, revelando outra constatação: “quem quer que sejamos, só nos entendemos por essas auréolas”. Sendo assim, independentemente de como foi esse “tempo anterior”, essa infância, se “de luz”, “de pureza”, “de afeto” (a pergunta não é diretamente respondida), é só a partir desse tempo que chegamos ao entendimento sobre nós mesmos. A impressão parece ser a da última hipótese. Aqui se exprime o encontro frustrado com a própria identidade, que Silva (2017: 115) atribui à construção da infância nessa poesia. O recurso de coesão em “essas auréolas” recupera um dado

anterior do texto. A oração adjetiva traz uma descrição que permite a aproximação imagética entre “auréolas” e “árvores da infância”, pois a primeira palavra é definida com “pairam”, “translúcidas”, “fluidas” e “hesitantes à brisa” por comparação com “móveis frondes”, “cristal” e “ventos”. Em síntese, “quem quer que sejamos, só nos entendemos” pela infância. Eis a sugestividade do poema.

O tempo dessa poesia “não é o tempo linear histórico” (Gouveia 2002: 15). Contrariamente, é “o instante como totalidade vivencial do ser poético” (Gouveia 2002: 16). Interessa notar que, no poema de Cecília Meireles, essa tensão temporal na menção à infância vai ao encontro do que Bachelard (2009: 105) interpreta como “a destemporalização dos estados de grande devaneio” nos poemas que evocam esse período da vida. Tais poemas, segundo o pensador “[t]razem o testemunho de uma aspiração a transpor o limite, a subir a corrente, a redescobrir o grande lago de águas calmas onde o tempo vai repousar de sua marcha. E este lago está em nós, como uma água primitiva, como o ambiente em que uma infância móvel continua a habitar” (Bachelard 2009: 105).

Dessa maneira, as alterações do mote “sob as árvores da infância, altíssimas” e as imagens que evocam o movimento refletem essa “infância móvel”, destemporalizada, que transpõe o limite do real no instante de devaneio poético. Esse é, na verdade, um ponto nuclear na poesia de Cecília Meireles: “a ideia de movimento”, que encontra expressão no ritmo, nas imagens de fluidez, como o ar e a água, e na compreensão da vida como transitoriedade que a arte eterniza (Gouveia 2002: 16). Entre 1929 e 1930, Cecília Meireles colaborou aos domingos n’*O Jornal*. Nesse, escrevia crônicas, que ela reuniu em 1939 para serem publicadas. Em texto de apresentação do material, que foi publicado atualmente pela família, a escritora destaca:

Nelas está minha vida, toda sua pureza, numa fase amargurada de construção. Amo essa tristeza conformada da minha disciplina. E olhando para esse tempo de duras experiências, apenas me restaria murmurar “E a dor tem sempre caminhos mais longos!” Mas tudo parecia previsto. E anteriormente aceito. De modo que um esplendor mágico abre sobre as tragédias e relâmpagos. E o coração resiste, pela força do deslumbramento. (Meireles 2007: 9)

A transitoriedade tão marcante de toda a obra da poeta já se destaca nesse comentário. A mudança ocorre em todas as fases da vida, as experiências e os sofrimentos fazem parte da construção do humano, mas a força motriz que conduz o ser a suportar as perdas familiares e a solidão é a capacidade de sonhar e imaginar.

No poema em questão, cujo tempo não é fixo, podemos associar essa destemporalização dos “devaneios voltados para a infância” (Bachelard 2009: 93) a um sentido de absoluto alcançado pela transcendência do plano da realidade. Sobre a presença do absoluto como marca da cultura indiana na poesia de Cecília Meireles, Mello acentua:

A contemplação do mundo possibilita, assim, a compreensão de uma lei maior que preside a vida, gerando e absorvendo suas manifestações no mundo sensível. No simples, a poeta intui o eterno, compreendendo a harmonia cósmica neste aprendizado sereno que é feito na intimidade com o conjunto de seres que estão no mundo, e captando a Unidade na multiplicidade. (Mello 2006: 33)

Durante a escrita dos poemas de *O estudante empírico*, Cecília Meireles lança *Poemas escritos na Índia* (1961), em que há forte presença da filosofia e da religião indiana. A infância, o “simples”, capta a “unidade” do ser com o cosmos: “somente as árvores da infância, altíssimas, nos reúnem agora”. Isso se constitui por meio dos processos próprios do devaneio poético voltado à infância: a lembrança e a imaginação, conforme os pressupostos de Bachelard (2006: 95-96). Para ele, a “leitura dos poetas” leva-nos a “um estado de nova infância”, à conclusão de uma “infância que ficou inconclusa e que, no entanto, era nossa e que, sem dúvida, por diversas vezes temos sonhado” (Bachelard 2006: 100). Daí o eu poético, no texto interpretado, assumir uma voz coletiva.

Passemos à análise do poema “O globo”, que dá sequência a “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos” e encerra o livro. Nele, a liberdade das crianças é comparada à soberba estéril dos reis, sendo essa comparação mediada pela imagem da esfera, que condensa as identidades em tensão:

Como os reis tiveram o orbe no alto do cetro,
nós, crianças, tivemos o globo terrestre em nossa breve mão.

Eram azuis, os mares; coloridos, os continentes;
tantas linhas de alto a baixo, de Leste a Oeste
que podíamos localizar a nossa vaga pessoa
naquela vastidão.

Mas os reis pretenderam estar em todos os pontos
ao mesmo tempo.
E foram atravessados pelas batalhas, e agora
só nos jazigos seus nomes se encontrarão.

As crianças, porém, não queriam estar em parte alguma:
pulavam meridianos e paralelos com muita leveza.
Continuam não estando em parte alguma.
Mas com alegria maior que a da realeza:
a da libertação.
(Meireles 2017: 467)

O poema, como já foi sugerido, articula duas ideias. Sua primeira palavra confirma a inferência: “como”. Divido em quatro estrofes, o termo que secciona essa nune-

ração, também, confirma a afirmação: “mas”. As crianças e os reis são colocados em perspectiva.

Tal como o seu antecessor, esse é um poema assimétrico. Ele reserva seu espaço no período de inovação estética inaugurado pela modernidade. Seus recursos sonoros reservam-se à construção sintática, à aliteração, à assonância, ao eco e ao encadeamento.

Quanto à sintaxe, na primeira estrofe, há repetição da estrutura formada por sujeito, verbo, complemento e adjunto adverbial: “os reis tiveram o orbe no alto do cetro”, “nós [...] tivemos o globo terrestre em nossa breve mão”. Essa estratégia acentua a lógica comparativa introduzida pela conjunção “como”, porém o peso disso está nas imagens que preenchem essas categorias sintáticas. São duas formas diferentes de se relacionar com o mundo. Os reis detêm-no através do poder, mas somente por meio do símbolo, o orbe sobre o cetro. As crianças, por sua vez, com suas breves mãos (algo que remete ao desprendimento, à humildade), têm o globo, signo do conhecimento e do estudo. Resguardadas suas singularidades, ambos possuem o mundo.

Na segunda estrofe, repete-se a inversão sintática nos predicados nominais: “eram azuis, os mares; coloridos, os continentes”, marca de uma filiação ao nível culto da língua. Nessa ocasião, há, da mesma forma, repetição de sintagmas adnominais: “de alto a baixo, de Leste e Oeste”. Outra vez, as imagens ajudam a construir o ritmo, elas vão compondo, aos poucos, cores, dimensões e amplitudes para a cena poética, a materialização do globo no poema.

Relação inconstante essa que as crianças estabelecem com o mundo, errante, livre, consciente do lugar ínfimo ocupado pelo ser humano no universo. Isso se expressa nas semelhanças fônica e imagética entre as palavras “vaga” e “vastidão”. O eu lírico desenvolve a oposição entre os grupos na terceira estrofe. Nela, manifesta-se a enumeração de orações coordenadas introduzidas pela conjunção “e”. Nesse ponto, é apresentada a pretensão dos reis: “pretenderam estar em todos os pontos / ao mesmo tempo”; da mesma forma, sua luta pelo domínio: “e foram atravessados pelas batalhas”; e, finalmente, sua morte e sua vida reduzida ao sepultamento: “e agora só nos jazigos seus nomes se encontrarão”.

Na quarta estrofe, a sonoridade fica a cargo da aliteração, do eco e do encadeamento de imagens. A recorrência do fonema lateral “l” – (“pulavam”, “paralelos”, “leveza”, “alegria”, “realeza”, “libertação”) – produz o efeito de, por proximidade sonora, reforçar os sentidos de liberdade e de leveza atribuídos às crianças, ao fim e ao cabo, na unidade do poema. Ao reviver a infância, que permanece em nós (Bachelard 2006: 110), o poeta revive a liberdade que a infância nos concede por meio do devaneio na solidão (Bachelard 2006: 95). Ele, igualmente, revive a imaginação (Bachelard 2006: 110). Para Bachelard (2006: 117), “os devaneios do escritor” convertem-se “em devaneios vividos pelo leitor”, “lendo outras ‘infâncias’, minha infância se enriquece”.

As ideias de humildade e de desprendimento ficam marcadas na repetição da palavra “não”, em “não queriam” e “não estando”, e da expressão “parte alguma”. Essa última – que aparece no primeiro verso e ecoa no terceiro, à semelhança de uma anáfora – gera a impressão de movimento junto a “pulavam meridianos e paralelos com muita leveza”, remontando a imagem “nossa breve mão”, da primeira estrofe.

Essas características, conferidas às crianças pelo eu poético, colocam-nas em posição vantajosa em relação aos reis. Enquanto elas permanecem livres, eles se encerram sob a terra. Tal sentido aparece nos níveis lexical e morfológico: o uso do verbo “continuar” e a mudança da voz verbal do pretérito para o presente. A infância de “O globo” é alegre e livre como a de “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos”. Ela, também, carrega uma lição: a liberdade.

PALAVRAS FINAIS

Os poemas analisados são escritos em dicção universalista, marcada pelas inovações da poesia moderna. Inferimos, então, que Cecília Meireles não se filia às correntes experimentalistas da década de 1950; mantém sua individualidade de escrita, influenciada pela tradição e pela modernidade. Com esse modo próprio de versejar, a poeta cria ocasião para o desfrute de sensações que parecem aproximar-se da imersão e do encanto. Em “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos” e “O globo”, a infância é associada às ideias de fruição, autoconhecimento, liberdade, memória e imaginação, aspectos elaborados na estrutura dos versos e em consonância com o livro. Assim, o perfil do estudante empírico é composto pelo signo do conhecimento sobre si, da apreciação da vida e do exercício de ser livre. A infância revela-se uma das ferramentas de aprendizagem do estudante. Por fim, ao escolhermos tal chave de leitura, reconhecemos a existência de outras possíveis, bem como a possibilidade de uma argumentação que aponte o aspecto inconclusivo do livro.

OBRAS CITADAS

ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BACHELARD, Gaston. *A árvore aérea*. Gaston Bachelard. *O ar e os sonhos: ensaios sobre a imaginação do movimento*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 207-229.

BACHELARD, Gaston. *Os devaneios voltados para a infância*. Gaston Bachelard. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 93-193.

CANDIDO. Antonio. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DAMASCENO, Darcy. Poesia do sensível e do imaginário. Cecília Meireles. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. 11-57.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GOUVEIA, Margarida Maia. *Uma poética do eterno instante*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

MEIRELES, Cecília. *O episódio humano (1929-1930)*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. São Paulo: Global, 2017.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Reflexos da cultura indiana na poesia de Cecília Meireles. Ana Maria Lisboa de Mello & Francis Utéza. *Oriente e Ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006. 14-149.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. Campinas. 1988. 213 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

SECCHIN, Antonio Carlos. Poesia completa de Cecília Meireles: a edição do centenário. Leila V. B. Gouvêa (org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: FAPESP, 2007. 263-270.

SILVA, Marcia Cristina. Cecília Meireles em: a descoberta do amor imperfeito. Marcia Cristina Silva. *Retratos da infância na poesia brasileira*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2017. 115-138.

TELES, Gilberto Mendonça. Introdução inédita: as vanguardas no Brasil e na hispano-américa. Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. 9-62.